**CRIANÇAS SÚBDITAS DAS IMAGENS PELO PODER DO OLHAR**

Gabriela Urriolagoitia

A época atual nos convoca como psicanalistas a localizar-nos como partenaires da civilização. Trata-se de poder ler as coordenadas da mesma por um lado, e por outro, de poder dar alguma resposta ao mal estar que afeta aa subjetividade de nossos tempos. Se bem não se trata de evocar com saudade aa ordem simbólica decadente, nem de fazer uma sociologia dos fenômenos atuais; os analistas estamos chamados a ter algo que dizer sobre o modo em que estes fenômenos se apresentam. Mas sobre tudo, a resposta que estamos chamados a dar, se põe em jogo no dia a dia, cada vez que o singular do parletre nos interpela em nossa clínica.

É por isto que começo esta conversação trazendo a modo de exemplo, a vinheta de um caso da minha prática.

Inácio é um menino de 9 anos que passa seu tempo livre com diferentes vídeo jogos. A maioria contém imagens que o aterrorizam, porém não deixa de vê-los nem de jogar. Um dado importante a destacar é que a criança é iniciada nos vídeo jogos pelo seu pai. É ele quem compra, lhe ensina como jogar, muitas vezes joga com o Inácio e muitas outras o menino joga sozinho. Um dos jogos se trata de pequenos bonecos que irrompem, olhando de frente surpreendentemente na tela ao longo do recorrido, personagens dos que há que escapar porque si não matam ao jogador. Assim, a criança que está do outro lado da tela fica presa do olhar cada vez que um desses bonecos irrompe. Em outro jogo que ele gosta, o jogador deve sortear personagens que o atacam, fugindo e defendendo-se. Quando é atrelado, o que toma lugar na cena é o despedaçamento do corpo: aparecem ao descoberto sangue, os órgãos, e os membros do corpo mutilados. Esta imagem aterroriza ao menino e ao mesmo tempo lhe fascina. Ao jogar começa a mover seus dedos contra suas bochechas como se coçando, diz que é porque fica nervoso. Me pergunto sobre a função dessas imagens em relação a seu gozo.

**FUNDAMENTOS CONCEPTUAIS**

A função da imagem na subjetividade está relacionada com a constituição do corpo como imagem de si mesmo, no Estadio do Espelho. Lacan dirá: “Existe em primeiro lugar um narcisismo em relação aa imagem corporal. Esta imagem é idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e confere sua forma a seu *Unwelt*, enquanto é homem e não cavalo. Ela faz a unidade do sujeito, vemos ela projetar-se de mil maneiras, até no que podemos chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através do qual o simbolismo se enlaça com o sentimento que o ser humano tem de seu próprio corpo.”[[1]](#footnote-1) Esta primeira Imago formadora do Eu, tem a função de brindar-lhe ao sujeito uma solução respeito ao excesso de satisfação pulsional próprio do autoerotismo e aa fragmentação do corpo, a partir da forma perfeita de unidade, que lhe oferece. Assim, esta imagem captura e enquadra o gozo do corpo. A constituição da imagem especular permite uma articulação entre o simbólico e o imaginário que tem como resultado a imaginarização do próprio corpo, do corpo do outro, do mundo exterior e da linguagem. A partir desta imaginarização, cada uma destas categorias podem por sua vez, significantizar-se; é dizer elevar-se até alcançar um estatuto significante. Por isso Lacan chama a esta imagem “a fonte imaginária do simbolismo”. É graças a esta imaginarização que “o simbolismo se enlaça com o sentimento que o ser humano tem de seu próprio corpo” e por sua vez o significante irá recortando e outorgando significação ao gozo que o habita.

Com a primazia do simbólico dos anos 50 e especificamente com o desenvolvimento do Seminário 4, Lacan introduz um cambio no imaginário, a condição para a constituição da imagem é a falta. i(a) como imagem do próprio corpo e também como a imagem do outro, se inscreve sobre a falta simbólica da castração, para enchê-la. Cambia então o estatuto da imagem, se trata da presença na imagem, de algo que escapa aa percepção: a imagem (serve de tela) faz de pantalha ao que não se pode ver, mostra para esconder.[[2]](#footnote-2) Nesta perspectiva a imagem adquire sua função a partir de um operador que é o véu,[[3]](#footnote-3) que opera sobre o fundo da nada. Para Lacan (o) a nada neste seminário é a falta que introduz a castração. A imagem é o objeto que pode vir a ocupar o lugar (do nada) da nada de maneira ilusória, ( preenchendo-a ) enchendo-a. Assim, o véu (que toma o lugar reservado antes, ao espelho) pode através da imagem cumprir com duas funções: pode esconder essa falta porque a imagem aparece no seu lugar para obturá-la. E também pode, ao vela-la, fazer existir, criar ex-nihilo, o que é inexistente: converter a nada em um objeto, quer dizer em imagem. Como o ponto de partida para a construção desta imagem é a falta própria do simbólico, se trata de uma imagem regulada pela função do Nome-do-Pai, então a consistência do campo visual depende da castração. Nesta lógica Miller propõe que a função da imagem é conter, deter e encarcerar o gozo do sujeito.[[4]](#footnote-4)

No Seminário 10 Lacan sustenta que o suporte da imagem como unidade é o rasgo unário, o Um da identificação primordial, cujo correlato é a existência do Outro porque opera por uma extração significante do campo do Outro: “Em quanto começa a falar, o rasgo unário entra em jogo. O fato de poder dizer 1 e 1 e 1 mais, e 1 mais, constitui a identificação primária. Sempre se tem que partir de um 1…, é a partir daí que se registra a possibilidade do reconhecimento em quanto tal da unidade chamada i(a). Este i(a) está dado na experiência especular, mas tal como lhes falei, está autentificada pelo Outro”[[5]](#footnote-5). Por outro lado, localiza a falta como condição da imagem, com a diferença esta vez, de que esta falta anotada como –φ, está regida pela presença do objeto *a*, que governa de perto, diz Lacan, mas desde outra parte onde deve permanecer inapreensível para o sujeito[[6]](#footnote-6), é dizer por fora do campo visual. Assim o objeto *a* é uma reserva libidinal que está investida no próprio corpo no autoerotismo, e da qual a castração deverá efetuar uma extração corporal posteriormente; para que a libido fique por fora da imagem especular e do campo perceptivo. Neste funcionamento da imagem suportada pela castração, o pano de fundo é a relação do sujeito com o Outro: se dá uma extração significante do campo do Outro para a identificação primordial ao mesmo tempo que opera uma extração corporal do lado do sujeito que Lacan anota com a letra *a*. Então podemos afirmar com o Seminário 10 que o fundamento da imagem é:

S1 i(a)

 a

Esta função de corte do objeto *a*, lhe permite a Lacan passar do campo visual ao campo escópico no Seminário 11. Isto implica a esquizia do olho e do olhar. O olhar entra em função como objeto *a* localizando-se por fora do olho. O olho vê, porque o olhar, pré-existente e exterior[[7]](#footnote-7), olha ao sujeito e ao olhá-lo o captura. Assim a imagem se constitui como uma (tela) pantalha que vela o olhar dando-lhe ao sujeito a ilusão de que é ele quem olha e ficando ademais, bem delimitada a diferença entre o sujeito que percebe e o objeto percebido no campo da visão. Este ordenamento se dá porque o objeto *a* olhar é para Lacan o mesmo lugar do corte e simboliza a falta que se expressa na castração[[8]](#footnote-8). Miller explica isto[[9]](#footnote-9) dizendo que o olhar é um vazio, a ranhura através da qual se vê, mas que não se vê em si mesma porque ela é a condição da visão.

Por outro lado Lacan nos adverte sobre o poder do olhar. Este radica em que o sujeito é olhado antes de ver, ( portanto ) pelo tanto a fascinação que sofre o sujeito ao contemplar uma imagem, tem o efeito de mortifica-lo e deixa-lo detido, congelado nessa imagem: “O *fascinum* é a função antivida, antimovimento, desse ponto terminal, e é precisamente uma das dimensões em que se exerce diretamente o poder do olhar”[[10]](#footnote-10). Esta referência explica o efeito fascinador das imagens das ( telas ) pantalhas nas crianças atualmente.

**COORDENADAS DA ÉPOCA ATUAL:**

Na época do *Outro que n*ã*o existe,* as imagens tomam ( o lugar) a posta da velha ordem simbólica em uma tentativa de regular o gozo dos corpos. Isto se deve a que o simbólico, longe de ser uma ordem que atravessa e fura o imaginário porque introduz a função da falta, atualmente está, ou dominado pelo imaginário, ou em continuidade com ele[[11]](#footnote-11). O simbólico em continuidade com o imaginário traz como consequência em nossa cultura uma proliferação de imagens. Se estas imagens constituem hoje um império, é porque elas estão sustentadas pelo poder do olhar. Porém, há uma diferença entre a função do olhar articulada à castração e o olhar que se faz presente nas imagens do grande mundo omnivoyeur do Século XXI. Em vez ( Em vez da imagem como tela ter a função de ..) de que a imagem como pantalha tenha a função de velar e elidir o olhar, esta, como um a mais dos objetos *a* da nossa época, aparece no ( zênite) cenit do social, encarnada no mundo do espetáculo e na sociedade de vigilância e controle. Nestas coordenadas, não só os sujeitos se tornam ( súditos) súbditos das imagens, se não também a própria ordem simbólica, que se ( se põe a serviço ) poe ao serviço das mesmas, o simbólico contemporâneo se consagra à imagem:[[12]](#footnote-12) As palavras aparecem agora como uma imagem nos anúncios de publicidade, ou acompanham as fotografias ou as imagens que são as principais protagonistas de uma mensagem de texto. Aliás, no lugar reservado antes à conversação para mediar e fazer possível o encontro entre os corpos, atualmente aparecem as diferentes modalidades de comunicação com os chats que em sua maioria apelam a imagens, ícones e fotografias para efetua-la. Assistimos a um deslocamento da palavra do seu lugar e função por excelência no circuito da comunicação. Lugar onde agora se posicionam estas imagens irruptivas produzidas em série pelo mercado global, mas também pelos mesmos sujeitos contemporâneos.

Sabemos então que o simbólico não alcança mais para frear o gozo que habita ao ser falante. Neste contexto a Psicanálise lhe toca localizar as consequências deste novo funcionamento na subjetividade da criança hipermoderna. E para o trabalho que hoje nos convoca, temos que esclarecer a função que estas imagens têm em relação a seu gozo.

A inexistência do Outro deixou a criança liberada na sua própria solidão, pelo tanto ao lugar reservado para seus pais, muitas vezes também ausentes, sumidos em seu próprio autoerotismo ou nas exigências do mundo laboral, se advém muito bem as telas da televisão, do computador o do celular. Estas ocupam a labor de acompanha-lo, distrai-lo, sossegá-lo e inclusive muitas vezes, educá-lo. Então podemos afirmar que estas imagens tem uma função com respeito a seu gozo?

De partida estas imagens longe de atemperar seu gozo, o produzem, o exacerbam. (Portanto) Pelo tanto se existe, se trata de um acerto com o gozo, que não é solidário do Nome-do-Pai, porque o gozo se situa agora a partir do mais-de-gozar e não a partir da função simbólica do I(A). Porém, podemos dizer com Miller que estas imagens, se bem não representam o sujeito como o faz o S1, tem a função de coordenar-se com seu gozo[[13]](#footnote-13). São imagens que em lugar de estar suportadas pelo –φ, contém o objeto *a*. Assim, a criança se fascina com estas imagens virtuais e planas porque estas fazem presente o olhar em vez de vela-lo: ao mesmo tempo que a criança olha as imagens, estas o olham.

Desde esta perspectiva, estas imagens às quais a criança do Século XXI fica exposta convertendo-se em seu súdito, lhe oferecem um tratamento para seu gozo porque realizam uma captura do mesmo, aí onde o simbólico se mostra impotente para fazê-lo. Mas as vezes, se dá um retorno de gozo que termina invadindo o corpo inteiro, porque este tratamento opera a partir do olho voraz que fica capturado pelo olhar posto em cena, gerando deste modo, a repetição de uma satisfação sem limites.

Estas imagens já não servem para velar o real, já não o mantem em linha. Pelo contrário são imagens que irrompem, e ao fazê-lo, o real se infiltra ficando o sujeito a mercê do mesmo. Inácio dá testemunha disso, quando cada vez que joga, fica capturado pelas imagens e é invadido por um terror que se traduz em um excesso de gozo que se manifesta na agitação de seu corpo. As imagens que lhe fascinam põem em primeiro plano o olhar por um lado e a fragmentação do corpo por outro, fazendo-se presente a cada momento e como uma evidencia descarnada para ele, o real que espreita[[14]](#footnote-14).

Neste contexto no qual as crianças estão conectados a diferentes dispositivos, observados pelo grande olho que vê da vigilância e a avaliação ou da segurança e o controle, mas ao mesmo tempo e mais do que nunca, são companheiros de sua solidão; o psicanalista se ve levado a inventar aquilo que poderia favorecer a arte do bom encontro, para o qual encarna um Outro que não é virtual senão que porta seu corpo, subtraindo seu olhar da função de controlar, julgar ou avaliar a criança, constituindo-se em um companheiro alternativo a sua solidão e sobre tudo buscando a oportunidade que lhe permita promover a produção de um texto[[15]](#footnote-15) e o surgimento da palavra do sujeito que possibilite um tratamento diferente a seu gozo.

1. Lacan J. “Seminario Libro 1”, Pg. 192, Ed. Paidos, Bs As. 1981 [↑](#footnote-ref-1)
2. Miller J.A. “Las cárceles del goce” en Conferencias Porteñas Tomo 2, Pg. 237, Ed. Paidos, Bs As, 2009. [↑](#footnote-ref-2)
3. Miller J.A. “La construcción de la Imagen” en “Psicoanálisis con niños, Clínica Lacaniana” S. Salman Compiladora, Pg. 18, Grama Ediciones, Bs As, 2004 [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem 2, Pg. 235 [↑](#footnote-ref-4)
5. Lacan J. “Seminario Libro 10”, Pg. 51, Ed. Paidos, Bs As, 2006. [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, Pg. 55 [↑](#footnote-ref-6)
7. Lacan J. “Seminario Libro 11”, Pg. 80, Ed. Paidos, Bs As, 2013 [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem, Pg. 84 [↑](#footnote-ref-8)
9. Idem 2, Pg. 242 [↑](#footnote-ref-9)
10. Idem 5, Pg. 124 [↑](#footnote-ref-10)
11. Miller J.A. e Laurent E. “El Otro que no existe y sus comités de ética”, Pg. 14, Ed. Paidos, Bs As, 2006 [↑](#footnote-ref-11)
12. Idem, Pg. 15 [↑](#footnote-ref-12)
13. Miller J.A. “La Imagen Reina” en Elucidación de Lacan, Pg. 583, Ed. Paidos, Bs As, 1998 [↑](#footnote-ref-13)
14. Tarrab M. “El ojo bulímico y el lobo” Texto publicado en el Boletín Flash N°4, en oimperiodasimagens.com.br [↑](#footnote-ref-14)
15. Tarrab M. En una conferencia preparatoria para el VII ENAPOL tomada de Radio Lacan N°83 [↑](#footnote-ref-15)